

EXPERIMENTAÇÕES CURRICULARES ENTRE VIDAS E DESEJOS REVOLUCIONÁRIOS: O ATREVIMENTO DE SINGULARIZAR¹

CURRICULAR EXPERIMENTATION: THE DARING TO SINGULARIZE

EXPERIMENTOS CURRICULARES: EL ATREVIMIENTO A SINGULARIZAR

Janete Magalhães Carvalho²

Sandra Kretli da Silva³

Tânia Mara Zanotti Guerra Frizzera Delboni⁴

Resumo

Para Guattari, uma das principais características de produção na sociedade capitalística é a tentativa de bloquear processos de singularização e instaurar processos de individualização a partir de dois dispositivos: a sujeição social e a servidão maquínica. No entanto, é possível desenvolver modos singulares de subjetivação, que afirmem outras sensibilidades, outras relações com o outro, outros movimentos de criação. Em movimentos de afirmação da vida, este texto apresenta a possibilidade de criação de virtualidades existenciais mutantes para fazer engendrar experimentações curriculares que se afirmam entre vidas e desejos maquínicos. A despeito dos dois domínios da subjetividade, como se confirma o processo de experimentação e de criação curricular? Como podemos criar possíveis no campo curricular que instaurem o atrevimento de singularizar via revoluções moleculares? O artigo utiliza a cartografia, seguindo as linhas imanentes das redes de conversação, baseada em práticas educativas e pensamentos não dogmáticos para a formação de professores, usando os signos artísticos do cinema, da literatura, da fotografia etc. É preciso experimentar — por entre máquinas revolucionárias éticas, estéticas e políticas — o atrevimento de singularizar em agenciamentos para efetuar outros currículos com modos de pensar e inventar culturas, vidas, mundos e política.

Palavras-chave: currículos; singularização; revolução molecular; culturas.

¹ Ideia “roubada” do subtítulo *Revoluções moleculares: o atrevimento de singularizar* (Guattari & Rolnik, 2005, p. 54).

² Doutora em Fundamentos da Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora do Departamento de Educação, Política e Sociedade e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9906-2911>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4780081698750924>. E-mail: janetmc@terra.com.br

³ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Professora do Departamento de Teorias e Práticas de Ensino; do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE); e do Mestrado Profissional em Educação (PPGMPE) da Universidade Federal do Espírito Santo. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9800-6192>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0611688078195189>. E-mail: sandra.kretli@hotmail.com

⁴ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Professora do Departamento de Teorias e Práticas de Ensino; do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE); e do Mestrado Profissional em Educação (PPGMPE) da Universidade Federal do Espírito Santo. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3950-0427>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3008422505347658>. E-mail: taniadelboni@terra.com.br

Abstract

For Guattari, one of the main characteristics of production in capitalist society is the attempt to block singularization processes and establish individualization based on two devices: social subjection and machinic servitude. However, it is possible to develop unique modes of subjectivation, which affirm other sensitivities, other relationships, other creative movements. In life-affirming movements, this text presents the possibility of creating mutant existential virtualities to engender curricular experiments that assert themselves between lives and machinic desires. Despite the two domains of subjectivity, how is the process of experimentation and curriculum creation confirmed? How can we create possibilities in the curricular field that establish the daring to singularize via molecular revolutions? The article uses cartography, following the immanent lines of conversation networks, based on educational practices and non-dogmatic thoughts for teacher training, using artistic signs from cinema, literature, photography, etc. It is necessary to experiment - among ethical, aesthetic and political revolutionary machines - the daring to singularize in assemblages that create and proliferate possible to effect other curricula with ways of thinking and inventing cultures, lives, worlds and politics.

Keywords: curricula; singularization; molecular revolution; cultures.

Resumen

Para Guattari, una de las principales características de la producción en la sociedad capitalista es el intento de bloquear los procesos de singularización y establecer procesos de individualización a partir de dos dispositivos: la sujeción social y la servidumbre maquínica. Sin embargo, es posible desarrollar modos únicos de subjetivación, que afirman otras sensibilidades, otras relaciones, otros movimientos creativos. En movimientos de afirmación de la vida, este texto presenta la posibilidad de crear virtualidades existenciales mutantes para engendrar experimentos curriculares que se afirman entre vidas y deseos maquínicos. A pesar de los dos dominios de la subjetividad, ¿cómo se confirma el proceso de experimentación y creación curricular? ¿Cómo podemos crear posibilidades en el campo curricular que establezcan la osadía de singularizar a través de revoluciones moleculares? El artículo utiliza la cartografía, siguiendo las líneas immanentes de las redes de conversación, a partir de prácticas educativas y pensamientos no dogmáticos para la formación docente, utilizando signos artísticos del cine, la literatura, la fotografía, etc. Es necesario experimentar -entre máquinas revolucionarias éticas, estéticas y políticas- la osadía de singularizarse en ensamblajes que crean y proliferan posibles para efectuar otros currículos con formas de pensar e inventar culturas, vidas, mundos y políticas.

Palabras clave: planes de estudios; singularización; revolución molecular; culturas.

É viável buscar e produzir outras possibilidades na construção de espaços de liberdade alternativos...

É tempo da nossa imaginação se fazer revolucionária, “[...] de fervilhar os processos coletivos e singulares, inundando o mundo com ‘uma imensa onda de recusa e de esperança’” (Marino & Viel, 2017). Segundo Lazzarato (2014, p. 17), com base em Guattari (1992), uma das principais características de produção na sociedade capitalística⁵ é a tentativa de bloquear processos de singularização e instaurar processos de individualização, a partir de dois dispositivos: a sujeição social e a servidão maquínica. A sujeição social busca nos prover de

⁵ Segundo Rolnik, “Guattari acrescenta o sufixo ‘ístico’ a ‘capitalista’ por lhe parecer necessário criar um termo que possa designar não apenas as sociedades qualificadas como capitalistas, mas também setores do ‘Terceiro Mundo’ ou do capitalismo ‘periférico’, assim como as economias ditas socialistas dos países do leste, que vivem numa espécie de dependência e contradependência do capitalismo. Tais sociedades, segundo Guattari, em nada se diferenciariam do ponto de vista do modo de produção da subjetividade. Elas funcionariam segundo uma mesma cartografia do desejo no campo social, uma mesma economia libidinal-política” (Guattari & Rolnik, 2005, p.15 nota 1).

uma subjetividade individual, “[...] atribuindo a nós uma identidade, um sexo, um corpo, uma profissão, uma nacionalidade” e a servidão maquínica age sobre os níveis pré-individual e supraindividual, atuando através da dessubjetivação (Lazzarato, 2014, p. 17).

Enquanto a sujeição social fabrica e distribui lugares e papéis dentro da divisão do trabalho e para ela, produzindo um “sujeito individuado” ou “sujeito econômico” (Lazzarato, 2014, p. 27), na servidão maquínica, o indivíduo é considerado uma “[...] engrenagem, uma roda dentada, uma parte componente do agenciamento ‘empresa’, do agenciamento ‘sistema financeiro’, do agenciamento mídia, do agenciamento ‘Estado de bem-estar social’ [...]” (Lazzarato, 2014, p. 28) e de seus equipamentos coletivos, a saber, escolas, hospitais, museus, teatros, televisão, internet etc.

No entanto, em meio a essa máquina de produção de subjetividade capitalística, Guattari afirma ser possível desenvolver modos singulares de subjetivação, que afirmem outras sensibilidades, outras relações com o outro, outros movimentos de criação. A criação e a produção do novo são possíveis a partir de uma mutação existencial nos seus modos de subjetivação e singularização. Mas como criar processos de singularização?

O termo “singularização” implica a ativação de processos disruptores no campo da produção do desejo que, para Deleuze e Guattari, refere-se ao possível: “Há desejo quando, a partir da ruptura de equilíbrios anteriores, aparecem as relações que eram impossíveis antes. O desejo é sempre reconhecível pelo impossível que ele levantou e pelos possíveis que ele criou” (Lazzarato, 2017, p. 21). Processos disruptores ocorrem quando, em um agenciamento, os eixos territoriais constituídos por processos de fixação de um território estabilizado são movimentados por picos de desterritorialização com a ação de linhas de fuga, produzindo o consequente abandono de um território consolidado, colocando em funcionamento processos de criação e transmutação. Assim, ativar processos disruptores acarreta irromper movimentos de protesto do inconsciente contra a subjetividade capitalística, através da afirmação de outras maneiras de ser, outras sensibilidades, outra percepção etc. Tais implicações significam que “[...] os inconscientes às vezes [...] protestam. A rigor, não poderíamos chamar isso de ‘protesto’, melhor seria falarmos em ‘afirmação’ ou em ‘invenção’: desinvestem-se as linhas de montagem da subjetividade, investem-se outras linhas; ou seja, inventam-se outros mundos” (Guattari & Rolnik, 2005, p. 16).

Há uma importância política de tais processos disruptores, entre os quais se situariam os movimentos sociais, as minorias - enfim, os desvios de toda a espécie. O conceito de revolução molecular,⁶ para Guattari (1981), está relacionado ao “atrevimento de singularizar”.⁷

O que caracteriza um processo de singularização (que poderíamos também chamar de experimentação) de um determinado grupo? É a possibilidade de criação a partir de um processo instaurado no qual ele possa captar

[...] elementos da situação, que construa seus próprios tipos de referências práticas e teóricas, sem ficar nessa posição constante de dependência em relação ao poder global, a nível econômico, a nível do saber, a nível técnico, a nível das segregações dos tipos de prestígio que são difundidos (Guattari & Rolnik, 2005, p. 55).

Assim que os grupos adquirem essa liberdade de viver seus processos, eles passam a ter capacidade de analisar a sua própria situação e aquilo que se passa em torno deles. Para Guattari e Rolnik (2005, p. 50), é essa capacidade “[...] que vai lhes dar um mínimo de possibilidade de criação [...]”, que vai criar condições outras para a produção de um novo tipo de subjetividade, que se singulariza. Assim, para que se efetivem os processos de reapropriação da subjetividade, devem ser criados seus próprios modos de referência, suas próprias cartografias, devem inventar outros modos, linhas de fuga. “É preciso que cada um se afirme na posição singular que ocupa; que a faça viver; que a articule com outros processos de singularização [...]” (Guattari & Rolnik, 2005, p. 50).

Em movimentos de afirmação da vida, este texto apresenta a possibilidade de criação - por modos afetivos - de virtualidades existenciais mutantes para fazer engendrar experimentações curriculares que se afirmam entre vidas e desejos revolucionários. Dessa

⁶ “Criar perturbações na química social é um dos pressupostos das chamadas revoluções moleculares, expressão que aparece nos estudos de Gilles Deleuze e Felix Guattari e que simboliza diversos temas (ou estratégias) que têm como elemento comum a ação, visibilidade e postura política de grupos sociais à margem dos padrões dominantes. O deslocamento da compreensão do que é a ação política, das decisões macro para o micro, a ação direta de coletivos, para provocar impactos na organização social” (Maeso, 2020, p. 10).

⁷ O termo singularização é usado por Guattari para designar os processos disruptores no campo da produção do desejo: trata-se dos movimentos de protesto do inconsciente contra a subjetividade capitalística, através da afirmação de outras maneiras de ser, outras sensibilidades, outra percepção etc. Guattari chama a atenção para a importância política de tais processos, entre os quais se situariam os movimentos sociais, as minorias – enfim, os desvios de toda espécie. Outros termos designam os mesmos processos: autonomização, minorização, revolução molecular etc. (Rolnik, 2005 apud Guattari & Rolnik, 2005, p. 45).

forma, apostando na possibilidade de criação e proliferação de mundos possíveis pensados em processos educativos outros, problematizamos: a despeito dos dois domínios da subjetividade, como se configura o processo de experimentação curricular? Entre vidas e desejos revolucionários, como podemos criar possíveis no campo curricular que instaurem o atrevimento de singularizar?

Argumentamos que, apesar dos dois dispositivos - a sujeição social e a servidão maquínica -, é preciso experimentar, por entre máquinas revolucionárias éticas, estéticas e políticas, o atrevimento de singularizar, instaurando agenciamentos que criem e proliferem possíveis para efetuar outros currículos, outros modos de pensar e inventar culturas, vidas e mundos.

Explicitar, problematizar e superar as limitações dos cotidianos escolares, como corpos coletivos, orienta as práticas discursivas apresentadas nos entremeios de nossa argumentação como condição de sua potência de vida – a vitalidade propriamente dita desta *escritatexto*. Dessa vitalidade emana o poder que terá uma proposta de ativar a sensibilidade ao concentrado de forças que ela presentifica na subjetividade daqueles que a vivem; e, por extensão, ativar a sensibilidade das forças que transbordam a cartografia vigente em seu entorno e exigem um trabalho de criação que redesenhe seus contornos (Rolnik, 2008).

Desse modo, as conversas apresentadas no texto foram produzidas em encontros articulados a processos de pesquisa e extensão⁸ com professoras do ensino fundamental da rede municipal de ensino de Serra/ES. O enfoque metodológico buscou examinar a potência das redes de conversações (Carvalho, 2009) na constituição das relações *praticapolíticas* que articulam a constituição do comum nos currículos, nos processos de aprender, na formação de professores, entendendo que todas as práticas são políticas e imersas em redes de conversações como formas de dizer de nossas experiências.

⁸ A pesquisa e o projeto de extensão “*Signos artísticos instigando aprendizagens e potencializando a formação de professores do município de Serra/ES*” é um subprojeto de pesquisa mais ampla, cadastrada no Diretório de Pesquisas do CNPq, “*Imagens, signos artísticos instigando aprendizagens nos currículos em cotidianos escolares: potencializando a constituição de corpos coletivos*”, coordenado pela professora Janete Magalhães Carvalho e aprovada no CNPq para o período de 2020-2025. Contou com a participação de professores integrantes do grupo de pesquisa “*Com-Versações com a Filosofia da Diferença em currículos e formação de professores*”. O projeto de extensão foi registrado e aprovado no Sistema de Gestão da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) sob o número 2376. Projeto de pesquisa aprovado pelo comitê de ética, por meio do parecer consubstanciado do CEP nº 3733.191.

Para o recorte aqui apresentado, enfocamos três eixos que se destacaram nas conversações estabelecidas com as professoras, por meio de signos artísticos apresentados (contos, poesias e curtas-metragens) para disparar o pensamento: o primeiro diz respeito à importância de se instaurar movimentos singulares inventivos a partir da criação de problemas e da subversão, como nos fala uma professora; o segundo se refere às redes de compartilhamento de experiências que engendram a força do coletivo e a necessidade de composição e de criação de subjetividades alternativas para enfrentar as políticas de centralização e de padronização curricular; e, por fim, o terceiro traz a força do movimento docente na criação de espaços outros para tentar produzir modos de singularização.

A pesquisa, articulada a um projeto de extensão/formação, foi realizada com professoras de uma rede municipal de ensino, de modo virtual via Google Meet, no período noturno de 2021, em pleno ano de pandemia de covid-19. Inicialmente, a pesquisa foi pensada para 75 professoras, tendo passado por uma grande mudança, visto que, às vésperas do início da formação, o município da Serra-ES – assim como todos os outros municípios da região metropolitana conhecida como Grande Vitória – foi fortemente pressionado pelo Ministério Público para adiantar o retorno das aulas presenciais no modelo híbrido. Com o retorno de trabalho presencial, as professoras viram-se em conflitos de horário para participar das formações, resultando, com isso, em uma diminuição brusca do número de inscritas. Contudo, ainda nesse contexto de retorno de trabalho presencial e necessidade de flexibilização de horário por parte das professoras e dos pesquisadores, a formação foi mantida com um total de 42 professoras inscritas e divididas em três grupos. Para o texto aqui apresentado, selecionamos apenas parte do material produzido com um dos grupos de formação, contendo um total de 14 professoras.

Também importa destacar nossa opção por apresentar os resultados da pesquisa ao longo do texto, de modo entrelaçado com o próprio texto. Assim, as falas produzidas na pesquisa aparecerão em *itálico*, no corpo do texto e, sempre que possível, fazendo interlocução com os intercessores teóricos que balizam essa *escritatexto*. Para fazer jus ao nosso referencial teórico, cumpre também informar que, de modo algum, daremos quaisquer modos de identificação das falas, não apenas por uma questão ética de anonimato, mas principalmente por afirmarmos a potência dos agenciamentos coletivos de enunciação (Deleuze & Guattari, 1995). Partimos da

premissa de que nenhuma fala ocorre apenas no campo individual, isto é, não é um ser falante que exprime suas ideias isoladamente. “Um indivíduo tal ou qual, tomado numa massa, tem ele mesmo um inconsciente de matilha que não se assemelha necessariamente às matilhas da massa da qual ele faz parte”, dizem Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995, p. 63). E vão mais além: “Cada um de nós é envolvido num tal agenciamento, reproduz o enunciado quando acredita falar em seu nome ou antes fala em seu nome quando produz o enunciado” (Ibidem, p. 64-65). Por tal motivo, não apostamos em uma escrita de criação de nomes fictícios a professoras, e sim arriscamos aos próprios enunciados a aparecer com força e vivacidades puras. Aqui, importam mais as forças que as acompanham em suas enunciações e os modos como elas se expandem em conversas com outras forças.

O critério para seleção das professoras foi o da adesão ou interesse em participar dos grupos a serem estabelecidos. As conversações realizadas em encontros quinzenais com os docentes foram gravadas, transcritas e associadas aos registros realizados durante as conversações informais entre pesquisadores e professoras⁹.

Nesse aporte metodológico, as conversações são tomadas para além do processo de individualização, ou seja, concebidas como agenciamentos em redes de conversações (Carvalho, 2009) que potencializam acontecimentos inscritos em modos coletivos. Denominamos coletivo o plano que permite superar a dicotomia indivíduo-sociedade, tomando coletivo, não como totalização, mas como agenciamento: “[...] a relação, entendida como agenciamento, é o modo de funcionamento de um plano coletivo, que surge como plano de criação, de co-engendramento dos seres” (Escossia & Kastrup, 2005, p. 303). Coletivo como multiplicidade, para além do indivíduo, alguém da pessoa, “[...] junto a intensidades pré-verbais, derivando de uma lógica dos afetos mais do que de uma lógica de conjuntos bem circunscritos” (p. 303).

Ao focarmos as conversações como *praticaspolíticas* estamos entendendo política como um modo de atividade humana que coloca sujeitos em relação, articulando-os entre si, segundo padrões e normas não necessariamente jurídicos ou relacionados com um marco legal-institucional. Isso porque a política se faz, também, e de forma intensa, por microrrelações, tal

⁹ Apresentamos neste artigo o registro de algumas das conversações, considerando os objetivos da análise nele engendrados.

como na micropolítica de Deleuze e Guattari (1997). Desse modo, o caso individual, visto que envolto em processos de individuação, nunca expressa uma forma, mas, sim, o formigamento de muitas intralutas que revelam a densidade política da realidade do caso e do *espaçotempo* que habita, podendo-se fazer o desdobramento de um caso na direção do plano coletivo das conversações.

Esse plano e/ou face coletiva se orienta pela necessidade de afirmação de um processo inventivo de constituição micropolítica – singularização no plano de imanência do cotidiano escolar em sua relação com outros múltiplos contextos cotidianos – que é produzida pela condição de que os corpos possam colocar suas problematizações. Ou seja, visto que toda aprendizagem se refere ao movimento do pensamento e ao direito de colocar problemas, a metodologia de redes de conversações toma como imprescindível investir na cartografia dos problemas que estão sendo engendrados no plano de imanência em que as professoras atuam e que a pesquisa se desenrolou.

Assim, esta escrita - que tentamos fazer de modo cartográfico - procura articular agenciamentos, conexões, multiplicidades. São linhas em traçados intensivos. Como forma meramente organizativa, para que possamos criar articulações, ampliamos, no movimento a seguir, a discussão realizada na parte introdutória deste texto, da revolução molecular e do atrevimento de singularização à discussão do paradigma estético (Guattari, 1992), junto com os agenciamentos coletivos de enunciação produzidos por professoras da educação básica. Para finalizar, buscamos entrelaçar e alinhar a discussão do atrevimento de singularizar. São movimentos que procuram afirmar que é preciso experimentar – por entre máquinas revolucionárias ético-estético-políticas – agenciamentos que proliferem possíveis para efetuar outros currículos como modos diferenciais de pensar e inventar culturas, vidas, mundos.

O paradigma estético de Guattari: por outros modos de subjetivação

Gostaria apenas de enfatizar que o paradigma estético, o da criação e da composição de perceptos e de afetos mutantes, se tornou o de todas as formas possíveis de liberação, expropriando assim os antigos paradigmas cientificistas aos quais estavam referidos, por exemplo, o materialismo histórico ou o freudismo (Guattari, 1992, p. 115-116).

O paradigma estético de Guattari (1992) reivindica a produção de subjetividade como prática e preocupação central de um novo modo de ação e organização política. Isso se dá pela singularização da subjetividade. Para o autor, os focos de singularização da existência são pautados por uma valorização capitalística. Por exemplo, as máquinas tecnológicas de informação e de comunicação “[...] operam no núcleo da subjetividade humana, não apenas no seio de suas memórias, da sua inteligência, mas também da sua sensibilidade, dos seus afetos, dos seus fantasmas inconscientes” (Guattari, 1992, p. 14). As dimensões maquinicas de subjetivação que operam para a produção da subjetividade partem da heterogeneidade de seus componentes: 1. componentes semiológicos significantes - manifestam-se através da família, da educação, do meio ambiente, da religião; 2. elementos fabricados pela indústria da mídia, do cinema etc.; 3. dimensões semiológicas a-significantes, tais como a moeda, os logaritmos, os diagramas, as cotações da bolsa, que funcionam na economia, na ciência, na arte e nas máquinas.

O paradigma estético de Guattari apresenta-se como uma alternativa em relação ao paradigma científico subjacente ao universo capitalístico e não se refere ao mundo dos artistas, mas sim à criatividade estética que instaura modos de subjetivação fora das relações intersubjetivas e da subjetividade individual, mas provenientes de criatividade existencial.

O novo paradigma estético tem implicações ético-políticas porque quem fala em criação, fala em responsabilidade da instância criadora em relação à coisa criada, em inflexão de estados de coisas, em bifurcação para além de esquemas pré-estabelecidos e aqui, mais uma vez, em consideração do destino da alteridade em suas modalidades extremas (Guattari, 1992, p. 137).

Também chamado de paradigma ético-estético ou político-estético, o paradigma estético aponta que cada indivíduo ou cada grupo social faz proliferar o seu próprio sistema de modelização da subjetividade. Portanto, por meio de um mapeamento dos processos de produção de culturas, de conhecimentos, de afetos, de rituais e de discursos, é possível problematizar como se constituem os agenciamentos territorializados de enunciação e também os vetores de desterritorialização.

Assim, as professoras em redes de conversações compartilham medos, dificuldades e preconceitos constituídos pela maquinaria de sujeição e de servidão tão presentes em suas ações cotidianas. Relatam modos de diferenciar-se e singularizar-se num território que busca a

individualização e a modelização, percebendo — por meio das redes de conversas e do movimento de pensamento que se desloca por meio da força dos signos da arte — a potência de um coletivo que protesta. Protesta, resiste e cria! Voltamos aqui aos movimentos de protesto do inconsciente, ativados nos processos disruptores do campo da produção do desejo, pois, para Guattari (1981, p. 28-29), “[...] o inconsciente é todo positividade, é uma máquina de fluxos e intensidades que não são determinados e controlados pelos sistemas de representação”.

As narrativas das professoras funcionam como agenciamentos coletivos de enunciação: “[...] o agenciamento coletivo não corresponde nem a uma entidade individuada, nem a uma entidade social pré-determinada. Os processos de subjetivação não são centrados em agentes individuais, nem em agentes grupais, mas por múltiplos agenciamentos de enunciação” (Guattari & Rolnik, 2005, p. 31). Apresentamos, a seguir, enunciações produzidas por “aliados” nos encontros com os inconscientes que protestam e que, por isso, irrompem o atrevimento de singularizar. Para Deleuze e Guattari (1992, p. 34), “[...] buscamos aliados. Precisamos de aliados. E temos a impressão de que esses aliados já existem, que eles não esperaram por nós, que tem muita gente que está farta, que pensa, sente e trabalha em direções análogas [...]”.

Eu sinto uma grande dificuldade não só como professor, mas como pessoa, de aceitar tudo de uma maneira muito quadrada, tudo em um caixotinho. Eu tenho dificuldade em me conformar com algo que me é imposto. Quando eu brinco que eu sou subversivo, é porque eu sempre tentei observar as coisas com outras perspectivas. Na graduação, isso se aflorou demais. Eu tento sempre problematizar, de maneira crítica, o livro didático. Acho o livro didático um importante instrumento pedagógico na sala de aula, mas eu tento não me prender só a ele. Eu acho que a escola pode proporcionar muitos momentos, muitos espaços, muitas cores. Então, quando eu falo que eu sou subversivo, é porque eu tento criar outros movimentos, mostrar outras perspectivas, que, às vezes, passam despercebidas. Eu tento fazer com que os alunos problematizem a realidade.

Eu estou tentando entender... porque parece que a gente faz esse movimento de singularização e, quando vai ver, está no mesmo lugar. É uma pergunta que eu me faço diariamente. Qual seria a outra possibilidade? Como eu posso movimentar isso de forma diferente? De que forma movimentar esses fluxos para fazer escapar das prescrições, das normas, dos controles?

O movimento micropolítico se engendra aos movimentos macropolíticos e, desse modo, fazemos movimentos de diferenciação e de singularização, porém a máquina capitalística de individualização e de codificação nos move de volta para as linhas de serialização, para as linhas duras, por isso a sensação de mesmidade descrita pela professora. Percebemos na cartografia

que professores e professoras traçam movimentos de desterritorialização e de reterritorialização que se constituem no tempo das experimentações cotidianas, criando resistências e criações curriculares. Guattari e Rolnik (2005) nos alertam para pensarmos a questão micropolítica, ou seja, de que modo reproduzimos e/ou driblamos e escapamos dos modos de subjetividade dominante:

O que vai caracterizar um processo de singularização [...] é que ele capte os elementos da situação, que construa seus próprios tipos de referências práticas e teóricas, sem ficar nessa posição constante de dependência em relação ao poder global, a nível econômico, a nível do saber, a nível técnico, a nível das segregações, dos tipos de prestígio que são difundidos. A partir do momento em que os grupos adquirem essa liberdade de viver seus processos, eles passam a ter uma capacidade de ler sua própria situação e aquilo que se passa em torno deles. Essa capacidade é que lhes vai dar um mínimo de possibilidade de criação e permitir preservar exatamente esse caráter de autonomia tão importante (Guattari & Rolnik, 2005, p.46).

Esse desejo de não se deixar encaixotar, de tecer críticas, de ir além do livro didático e de problematizar a realidade faz reverberar, nas relações cotidianas, a vontade de potência abrindo vetores para os processos de singularização e de diferenciação. Afirmam Guattari e Rolnik (2005, p. 47): “[...] O traço comum entre os diferentes processos de singularização é um devir diferencial que recusa a subjetivação capitalística”.

As conversas em processos de formação inventiva funcionam como redes de compartilhamento de experiências e possibilitam que professoras percebam a força do coletivo e a necessidade de composição e de criação de subjetividades alternativas para enfrentar as políticas de centralização e de padronização curricular, conforme as enunciações abaixo:

Vejo como nós, professoras, precisamos nos unir. Se estamos unidos tudo fica mais fácil. Eu tenho sentido falta porque trabalhei em uma escola em que nós planejávamos juntas. Eu gostaria que aqui também tivesse essa oportunidade. Na outra escola a gente planeja coletivamente, sinto que aqui precisamos fazer mais isso. Podemos tentar fazer? Vou dizer como conseguimos nos organizar lá [...]. Outro ponto importante é o clima para a interação. E isso vai depender de todas nós. Todo mundo tem que fazer a sua parte. Temos que cuidar da gente para estarmos bem com os outros. A pessoa tem que querer estar aqui.

Estamos vivendo um momento muito tenso, pós-pandemia. Como podemos registrar as enunciações das crianças, das professoras e das famílias? Os poucos pais que vieram nas reuniões já têm uma força política que, no momento, estamos precisando. Acho também que nós, professores, precisamos nos fortalecer, precisamos conversar mais, para a gente não se constranger diante das ações, para que a gente possa falar das nossas apostas e nossas crenças.

Falamos da inclusão dos negros e de todas as diferenças. Como é difícil lidar com pessoas que tem modos de vida diferentes dos nossos... Na minha sala tem uma criança com necessidades educativas especiais, e penso que se ela está naquele espaço, não tem que sair da sala para trabalho extra. Nós já temos crianças que, rotineiramente, estão em diversas salas, por que nesse momento ela está precisando fazer esses deslocamentos? Ou seja, por que ainda separamos por idade? Os pais questionam: eles se misturam? Eles não sabem o quanto esses encontros são potentes. Estamos vendo como esse modelo de seriação, dos alunos estarem reunidos por faixa etária não necessariamente precisa ser assim o tempo todo. Outras possibilidades estão sendo pensadas. E nas reuniões de pais isso aparece também, os pais acham interessante que as crianças começam a querer levar amigos de outras salas para as suas casas também. Como podemos compor com essas enunciações das crianças, essa experimentação que essa criança pratica? Precisamos conversar com as famílias e perguntar: como as crianças enunciam as experiências que elas experimentam?

Outro dia entrei na sala e falei com as crianças: A diretora, quer saber como é a nossa turma: Eles disseram: 'Somos bagunceiros'. Ela quer saber: quem precisa de ajuda? Eles respondem: 'acho que ninguém precisa de nada não. Só a professora'. (risos).

As falas acima não apenas reivindicam o coletivo, mas recusam processos de subjetivação agenciados em práticas individualistas e verticais, quando as professoras solicitam por existências profissionais coletivamente articuladas. Ou seja, buscam trabalhar para que professoras em determinados momentos coletivamente partilhados não vivam os processos de subjetivação por meio de uma relação de alienação e opressão, visto que problematizam e enunciam uma postura de questionamento que apresenta abertura para processos de singularização e criação de outros modos de estar escola.

*Às vezes, eu penso assim... Vou falar de uma professora de Geografia, Marisa Valadares¹⁰ (in memoriam). Eu lembro que a gente foi para o Caic de Itararé [escola]. E em uma sala, eles colocaram os alunos mais indisciplinados, os reprovados e os alunos especiais. Aí a gente estava naquela aula e não sabia o que fazer. "Os alunos estão meio que traumatizados, o que eu vou fazer"? Ela [Marisa] levou a gente para uma sala e disse: "Gente, só uma coisa: vocês vão encontrar dificuldades na Educação, mas eu quero uma coisa: não desistam. Qualquer movimento que vocês façam vai gerar algo, vai gerar alguma mudança. É porque nós estamos condicionados com um tempo chamado de *chronos*. O tempo do imediatismo. Mas existe o tempo da experiência. Aquilo pode gerar resistências. Às vezes, como professor, a gente busca o resultado imediato, que algo surta efeito imediatamente. Mas, até que ponto o nosso trabalho não está gerando resistência? Nós estamos vivendo um momento que você tem que gerar resultados, você tem essa obrigação. Mas a docência é um processo de semear..."*

¹⁰ O nome Marisa Valadares foi mantido em homenagem a uma querida amiga professora que tanto lutou para uma educação mais democrática e mais inventiva e que, por motivo de saúde, nos deixou, porém, as marcas de sua trajetória se fazem presentes nas enunciações dos professores que tiveram o privilégio de viver a intensidade de suas aulas e de seus bons encontros.

Semear arte, semear cultura, semear diferença. É possível desenvolver modos de subjetivação singulares - processos de singularização - em meio à máquina capitalística de produção de subjetividade. Trata-se de recusar os modos de “[...] encodificação preestabelecidos, todos esses modos de manipulação e telecomando, recusá-los para construir modos de sensibilidade, modos de relação com o outro, modos de produção, modos de criatividade que produzam uma subjetividade singular” (Guattari & Rolnik, 2005, p. 22), isto é, uma mutação existencial que coincida com um desejo e com a instauração de modos outros de currículos, de vida, de mundos, de cultura. Os movimentos sociais criam revoluções moleculares ao tentar produzir modos de singularizar-se, para “[...] fazer a máquina de expressão gaguejar, fabular, para forçar o pensamento, colocando-o em movimento, como força estética e política da arte de transformação do “impossível” (Delboni & Melo, 2022), como as enunciações abaixo:

Eu também acredito na valorização do magistério, mas não vejo a sociedade civil como os ‘não estudados’. Não vou julgar dessa forma, mas eu vejo que existe a necessidade de valorização dos professores, mas para isso é preciso melhorar a sua formação. O que estamos fazendo aqui? Estamos juntas problematizando, pensando, questionando a nossa profissão para que possamos produzir outros sentidos para a docência.

Você chega dentro de uma escola, você vê o mesmo formato de séculos atrás. Você vê os professores tentando ensinar do mesmo jeito, você vê uma educação que está sendo repetida, os erros estão sendo repetidos. Eu vejo muito isso. Não estou querendo condenar os professores, pois eu acho que é um conjunto de fatores que contribui para, ao invés de se enxergar os professores como amigos, enxergar como inimigos.

Por trás disso entendo que tem todo um conjunto: políticas públicas, cultura, currículos especializados e hierárquicos, desvalorização da profissão, condições de trabalho, enfim, uma série de fatores que levam a isso, inclusive com destaque para o conservadorismo presente no ideário pedagógico. Mas à escola não cabe a conformidade. Ao contrário, é lugar de luta!

Como afirmamos anteriormente, o que caracteriza um processo de singularização é a capacidade de construir seus próprios tipos de referências práticas e teóricas, sem ficar numa posição de dependência em relação ao poder global, em nível econômico, em nível de saber, de cultura ou qualquer tipo de prestígio que seja difundido (Guattari & Rolnik, 2005). Quanto mais espaços e tempos para o diálogo, mais alternativas os grupos terão para criar possibilidades de problematizar as suas realidades e de inventar novos modos de viver uma vida coletiva. A

revolução molecular consiste em criar condições de afirmar valores num registro particular, com referências próprias e singulares, que abrem frestas no sistema de subjetividades dominantes.

Nesse movimento de problematizar quais são os devires revolucionários que pedem passagem nos cotidianos das escolas, para que possamos pensar e inventar novas imagens para os currículos, para as culturas e para a educação, as professoras enunciam, logo após escutar a história de Manoel de Barros - *O menino que carregava água na peneira* -, do livro *Exercícios de ser criança*:

Esses compartilhamentos de experiências têm enriquecido nossa prática. É bom ouvir o relato das professoras, a força da vivência cotidiana. Isso tem enriquecido o processo de formação. Começamos a pensar a partir da poesia de Manoel de Barros, do menino que carregava água na peneira. Isso nos levou a dar importância aos processos de aprendizagens que se constituem nas experimentações das crianças. Precisamos ouvir mais as crianças, aprender com as crianças, pois elas são transparentes, espontâneas, falam tudo o que pensam e têm ideias maravilhosas. Outro dia, conversando com uma professora sobre a educação física na Educação Infantil, ficamos pensando que a crítica só pela crítica não constrói nada na escola. Muitas vezes, a gente fica triste de ver o contexto da sociedade atual, então precisamos valorizar essas experiências cotidianas, dar visibilidade para elas. É muito bom quando escutamos essas experiências das professoras, principalmente quando questionam o seu trabalho, as suas ações cotidianas.

A gente sempre depara com as durezas da escola. Por mais que a gente aposte nas práticas brincantes como um pensamento diferencial, chega uma hora que eu preciso descrever o sujeito, chega uma hora que eu preciso fazer um relatório. Esses aprisionamentos têm diminuído a nossa potência de infantilizar... A pedagoga está lá cobrando... É o aprisionamento do sujeito, eu preciso descrever a experiência do sujeito, que eu não tenho nem ideia por onde passou... Em que medida a gente tem operado para descolar tudo o que se escreve sobre o que a gente produz com as infâncias da centralidade do sujeito? São as avaliações, os registros pedagógicos, tudo é um sujeito! E a força que a gente opera no devir? O aprender é sempre em nós... No que a gente pode afetar quando a aprendizagem flui. Que combate a gente tem feito nesse sentido?

Do ponto de vista micropolítico, nenhum corpo científico, nenhum corpo de referência tecnológica por si só são capazes de garantir uma justa orientação (Guattari, 1992). Por isso, é importante garantir uma micropolítica processual, que se constitui a partir dos agenciamentos que a constituem, com invenção que permita explicar um campo de subjetivação e possibilidades para intervir nesse campo. Assim, a nossa intenção tem sido criar *espaçotempos* de diálogos, conversas, encontros para professoras se articularem com os agenciamentos de

enunciação, problematizando as suas ações, as políticas educacionais e curriculares e criando modos de diferenciação e de singularização.

A mutação subjetiva é fundamentalmente uma afirmação existencial e uma apreensão de si, dos outros, e do mundo. E é sobre a base dessa cristalização não discursiva, existencial e afetiva que novas linguagens, novos discursos, novo conhecimento e uma nova política podem proliferar (Lazzarato, 2014, p. 20).

Em meio às tentativas de modelização e padronização, há possibilidades de rompermos com os mecanismos de aprisionamento. Há sempre uma coexistência entre essa captura e o atrevimento de singularização. Entremeados aos processos de maquinarias e maquinismos, há sempre possibilidade de desterritorialização, de produzir agenciamentos como invenção: considerando-a “[...] um conjunto de singularidades e de traços extraídos do fluxo - selecionados, organizados, estratificados - de maneira a convergir (consistência) artificialmente e naturalmente” (Deleuze & Guattari, 1997, p. 88).

Por meio de encontros que possibilitam o compartilhar experiências, a força do coletivo é ampliada, pois o comum vai sendo constituído com as multiplicidades de ideias, de sentidos com a diferença. A constituição de um comum compartilhado é um princípio básico para constituição de uma democracia, de uma comunalidade expansiva, que estará sempre aberta, se questionando, se refazendo. O coletivo aqui é entendido sempre como multiplicidades, como fluxos de criação. Como apontam Deleuze e Guattari (2012, p. 23), “[...] as multiplicidades são rizomáticas e denunciam as pseudomultiplicidades arborescentes. [...] Uma multiplicidade não tem nem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza”.

Importante pensarmos as políticas de designação temporária de professores, porque eu percebo que os professores que estão na rede, por meio de contratos temporários, acabam participando pouco dessas discussões tão importantes, por medo de qualquer retaliação, ou ainda, por comodismo mesmo. Mas os movimentos de pesquisa e encontros com as escolas possibilitam problematizarmos as nossas ações cotidianas e provocam intervenções nos cotidianos escolares.

Recordo-me de um movimento de pesquisa que fizemos em uma escola em São Pedro. Nós ficamos por muito tempo fazendo um trabalho interessante com algumas professoras. Para elas se reunirem com um tempo bom para dialogar, conversar, um grupo de pesquisadores ficava nas salas de aula com os alunos. Conseguimos ali criar um processo de comunalidade

expansiva, ou seja, cinco escolas já estavam se integrando àquele movimento. Depois, com a troca de diretor, aquele movimento foi perdendo a força. Enfim, eu queria falar que, para sair desse comum, é preciso que o nível mais geral atinja um processo de inteligência reflexiva. São processos porque socialmente são muito amarrados, o capitalismo é muito eficiente. Por mais que a gente tente, a gente sempre está muito sozinha e, com facilidade, eles pregam muitas etiquetas, de modo a estancar os movimentos.

Existe uma produção curricular que vai sendo produzida nas discussões coletivas, não é fácil porque eles criam um monte de plataformas para a gente tomar todo o nosso tempo de planejamento preenchendo planilhas para uso de marcação do Ideb, para controle, porém eles não sabem que em nossas vidas não cabem em planilhas.

Por isso, entendemos que há a necessidade de encontros alegres, de compartilhamento de experimentações curriculares criadas por meio das relações cotidianas com as infâncias e as juventudes em devir. Esses encontros atuam como forças de resistências às normalizações e padronizações. Acionadas pela máquina capitalística da sociedade atual, possibilitam a construção do plano de imanência do corpo, entendido como

[...] plano de experimentação corpórea aberta aos devires, num exercício ético de construção de si. Na medida em que a dimensão sensível é intensificada, o corpo pode entrar num exercício de escuta de si e de apropriação das forças que o atravessam e o fazem devir (Carvalho, 2019, p. 60).

Questionam Deleuze e Guattari (2012, p. 21): a multiplicidade que nos fascina já está em relação com uma multiplicidade que habita dentro de nós? A multiplicidade que nos fascina é uma matilha, as composições em matilha, respondem Werneck e Silva (2022). Isso porque entendemos que não somos seres individuados, mas existimos na relação, somos constituídos em matilhas, processualidades, multiplicidades, encontros alegres. Pelos agenciamentos coletivos de enunciação.

Entrelaçar, alinhar... o atrevimento de singularizar...

Vida como experimentação, variação, diferenciação, invenção, devir, capacidade de composição, poder de afetar e ser afetado, possibilidade de adentrar outros seres e seus pontos de vista, chance de migrar na escala de durações dos entes no cosmos, ser e pensar diferentemente; ou ainda, errância, heterogênese, resistência, criação de possíveis, virtualidade, potência... (Pelbart, 2019, p. 26-27).

Rolnik (2005), ao apresentar o livro *Micropolítica: cartografias do desejo*, faz-nos lembrar que a chegada de Guattari ao Brasil em 1982 coincidiu com o reboiço de uma campanha eleitoral. Afirma que, naquele momento, a sociedade brasileira estava em processo de redemocratização, revitalizando-se de consciência social, política e, sobretudo, revigorando o inconsciente. Reporta-se a uma entrevista de Deleuze e Guattari em 1972, em que os autores diziam estar à procura de aliados.

Pensar em aliançar, compor, expandir as redes de amizades, de solidariedades, pensar e fazer *com*, ampliar e potencializar as coletividades também têm sido a nossa aposta nos movimentos de ensino, pesquisa e extensão. Todos sabemos que, para a educação e sobretudo a expansão dos movimentos de experimentações e de criações curriculares, são imprescindíveis os espaços e tempos de diálogos e de redes de conversação com as múltiplas culturas e com a diferença. Por outro lado, Deleuze e Guattari alertam que os “aliados” que precisamos procurar são os “inconscientes que protestam”, para criação de resistências e processos disruptores no campo da produção do desejo, que vai além do movimento de reagir aos processos de serialização da subjetividade, mas que possa produzir “[...] modos de subjetividades originais e singulares, processos de singularização subjetiva. (Guattari & Rolnik, 2005, p. 45).

Novembro de 2022. Meio século depois dessa entrevista, sendo que nos últimos quatro anos vivendo sob um governo ultraconservador e retrógrado, a luta se colocou em defesa da democracia e da vida. Em meio a um governo voltado para uma política de morte, que arregimentou um bando de adeptos, quais foram os nossos aliados? Nos encontros com as professoras da educação básica, percebemos as diferentes maneiras de escaparmos da maquinaria de servidão e de sujeição social afirmando modos de subjetivação singulares. Vivenciamos, durante esse período, crises - crises políticas, econômicas, crises existenciais, crises de subjetividades, crises... -, mas elas também puderam nos impulsionar a buscar vetores de saída e fazer a esperança ressurgir com a eleição de um novo governo do presidente Lula.

As cartografias que o desejo traça e os diferentes modos de deslizar-se e de inserir-se no campo social se faz cotidianamente, em processos de singularização. Assim, acompanhar esses movimentos micropolíticos criadores de processos de diferenciação e de singularização é buscar aliados e forças que resistem e criam currículos, culturas, vidas, mundos. Esses aliados já existem! Há muitos e não são poucos os inconscientes que protestam. São protestos que

impulsionam e fazem pulsar a vida, protestos que não se deixam inferiorizar, mas que afirmam a potência da criação de currículos e culturas com a diferença.

No interior da produção de subjetividade capitalística, da sujeição social e da servidão maquínica, afirmamos outras sensibilidades, outras relações com o outro, outros movimentos de criação. A revolução molecular passa pela capacidade das nossas articulações, dos nossos encontros, dos modos como permitimos que os processos de singularização se afirmem. Junto a Guattari, defendemos que é preciso experimentar - por entre máquinas revolucionárias éticas, estéticas e políticas - o atrevimento de singularizar em agenciamentos que criem e proliferem possíveis para efetuar outros currículos com modos de pensar e inventar culturas, vidas, mundos e política.

Referências

- Carvalho, J. M. (2009). *O cotidiano escolar como comunidade de afetos*. Petrópolis: DP et Alii.
- Carvalho, J. M. (2019). Macro/Micropolítica, cotidiano escolar e constituição de um corpo coletivo em devir. *Revista Educação Temática Digital*, (21)1, 47-62.
- Delboni, T. M. Z. G. F., & Melo, C. P. (2022) Os signos artísticos do cinema movimentando sentidos outros de currículos e docências. In: J. M. Carvalho, S. K. Silva, & T. M. Z. G. F. Delboni (Org.), *Currículos e artistagens: Política, ética e estética para uma educação inventiva* (pp. 313-328). Curitiba: CRV.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1992). *Conversações*. São Paulo: Ed. 34.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1995). *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia – volume 1* (A. Guerra Neto, & C. P. Costa, Trad.). São Paulo: Ed. 34.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (2012). *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia – volume 4* (S. Rolnik, Trad.) São Paulo: Ed. 34.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1997). *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia – volume 5* (P. P. Pelbart, & J. Caiafa, Trad.). São Paulo: Ed. 34.
- Escossia, L., & Kastrup, V. (2005). O conceito de coletivo como superação da dicotomia indivíduo-sociedade. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 10, n. 2, p. 295-304, maio/ago.
- Guattari, F. (1981). *Revolução molecular: Pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Guattari, F. (1992). *Caosmose: Um novo paradigma estético*. São Paulo: Ed. 34.
- Guattari, F., & Rolnik, S. (2005). *Micropolítica: Cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes.
- Lazzarato, M. (2017). *O governo do homem endividado*. São Paulo: n-1 edições.

- Lazzarato, M. (2014). *Signos, máquinas, subjetividades*. São Paulo: edições Sesc; São Paulo: n-1 edições.
- Marino, M. A., & Viel, J. (2017). Apresentação. In A. Negri, & F. Guattari, *As verdades nômades: Por novos espaços de liberdade* (p. xiii). São Paulo: Autonomia Literária e Editora Politeia.
- Maeso, B. E. (2020). Química social e a meia-vida das revoluções moleculares. *Cadernos PET-Filosofia* (UFPR), v. 18, p. 09-30.
- Pelbart, P. P. (2019). *Ensaio do assombro*. São Paulo: n-1 edições.
- Rolnik, S. (2005). Apresentação. In F. Guattari, & S. Rolnik, *Micropolítica: Cartografias do desejo* (p. 11-14). Petrópolis: Vozes.
- Rolnik, S. (2008). Desentranhando futuros. *ComCiência*, Campinas, n. 99.
- Werneck, H. N. P.; & Silva, S. K. (2022). *Composições em matilha: Potência coletiva que produz resistências e cria movimentos inventivos curriculares*. Rio de Janeiro: Encontrografia.

Recebido: 02/11/2022

Aceito: 13/01/2023

Publicado: 30/09/2023

NOTA:

As autoras foram responsáveis pela concepção do artigo, pela análise e interpretação dos dados, pela redação e revisão crítica do conteúdo do manuscrito e, ainda, pela aprovação da versão final publicada.